

A COMUNA E O CARÁTER CONTRARREVOLUCIONÁRIO DO PSEUDOMARXISMO

Luciana O. R. Magalhães

Professora no Mestrado Profissional em Educação – UNITAU; Doutora em Educação: Psicologia da Educação – PUC-SP.

Comuna de Paris é a denominação dada à primeira experiência humana de governo na perspectiva autogestionária, ou seja, uma experiência social caracterizada pela implementação revolucionária do autogoverno dos produtores, uma forma de gestão da sociedade com possibilidades reais de promover a emancipação humana (MARX, 2011). Nessa medida, ela delinea, ainda que de maneira rudimentar, uma sociedade diferente da sociedade burguesa atual, a qual avigora renhidamente os desígnios de exploração e opressão necessários à manutenção do modo capitalista de produção.

O movimento autogestionário da Comuna de Paris ocorreu por um breve espaço de tempo, durante apenas 72 dias, de março a maio de 1871, na cidade de Paris. Foi brutalmente interrompido pelas forças militares francesas e prussianas num massacre abominável como poucos já vistos: muitas dezenas de milhares de mortos, a maioria destes, para servir de exemplo ao mundo do trabalho, fuzilada mesmo após renderem-se, homens, mulheres, idosos, jovens capitulados, sem resistência, trucidados em apenas sete dias – a “semana sangrenta”. Esta abrupta e violenta interrupção determinou seu inacabamento: ela não conseguiu operar todas as transformações necessárias para abolir definitivamente as relações de produção capitalistas.

Todavia, essa inconclusão do processo autogestionário não diminui a importância extraordinária que este movimento teve no palco das tentativas de



superação do jugo do capital, especialmente por ter, em poucas semanas, demonstrado concretamente a eficiência da autogestão como sistema de governo, notadamente na esfera educacional, na autogestão fabril, com relação à igualdade de sexo, nacionalidade e origem dos comunardos, na adoção da auto-organização - com a eliminação da estrutura estatal burocratizada, inclusive suprimindo as polícias e forças de defesa institucionalizadas substituindo-as pela assunção do “povo em armas” etc. (Viana, 2021).

Na manhã de 18 de março de 2021, data em que comemoramos o sesquicentenário da Comuna de Paris, ocorreu uma mesa redonda via *live*¹ a este propósito orquestrada por pensadores do movimento autogestionário. A história comunal, o contexto em que aconteceu e muitas das questões imanentes a Comuna foram sinteticamente muito bem expostos pelos participantes no pouco tempo de que dispunham para tal. Ainda que com grande preocupação didático-pedagógica motivada pela heterogeneidade do público, as discussões foram de altíssimo nível, buscando desvelar – e desmistificar – parte importante da essência daquela experiência única, primeva, de autogoverno dos produtores.

São muitos os aspectos sobre a Comuna de Paris que devem ser estudados se desejamos compreender o movimento comunardo em sua totalidade, mas o que recorrentemente (e também convenientemente) mais se destaca nas discussões quando pensamos no que tivemos pelo mundo nestes 150 anos de ações revolucionárias - ou autodeclaradas revolucionárias – são as questões referentes à sua curta duração de apenas 10 semanas. Intelectuais da lavra de Karl Marx, Rosa Luxemburgo, Karl Korsch, conselhistas do segundo e terceiro quartéis do século XX (VIANA, 2020) e pensadores autogestionários dos últimos 50 anos (VIANA, 2008), principalmente, retratam a importância fundamental da Comuna, independentemente de sua duração. Compreender a relevância de sua existência é fundamental para que possamos consubstanciar em nossa imaginação revolucionária a utopia concreta da transformação social profunda

¹ A *live* em questão, “Comuna de Paris: 150 anos depois”, fez parte do Curso de Extensão do mesmo nome ocorrido de 06 a 20 de março de 2021, ministrado por: Dr. Nildo Viana – UFG, Dr. Edmilson Marques – UEG, Drando. Gabriel Teles – USP, Dr. Marcus Vinícius Conceição – IF Goiano, Dr. José Santana da Silva – UEG, Dr. Lisandro Braga – UFPR e Dr. Ricardo Golovaty – IFTM. Deste curso e *live* ressurtiram as inspirações para a elaboração deste artigo. Agradeço a todos os palestrantes pelas enriquecedoras exposições.



que criará as condições necessárias para que a atual sociedade de exploração e dominação seja superada e uma nova forma de relações sociais se hegemonize (LUXEMBURGO, 1970).

Contudo, nestes 150 anos, uma massa robusta e poderosa de pessoas contribuiu para que este evento tão especial da história da humanidade fosse minimizado em sua importância e/ou tivesse sua história tendenciosamente deturpada: alguns destes foram/são intelectuais ligados a correntes do pensamento de alguma forma interessadas na manutenção das relações de produção burocrático-burguesas (liberais, republicanos, democrata-cristãos, aderentes/apoiadores do capitalismo de Estado etc.); outras foram/são protointelectuais incipientes ou jovens e/ou ignorantes ingênuos não intencionalmente motivados por interesses definidos, mas que acreditam em “teorias da conspiração comunistas” ou, do outro lado, comungam com ideologias pseudomarxistas, notadamente leninistas/bolchevistas. Seja qual for o caráter do perfil e dos interesses objetivos destes segmentos, todos diminuem, de alguma forma, a importância da Comuna caracterizando-a como um detalhe incidental, superveniente, fortuito, distante de ter sido determinada significativa e efetivamente pela luta de classes em ebulição nas condições dadas à época; e, pior: imputam seu lâmpedo final à falta de um comando central, de uma burocracia dirigente, uma vanguarda revolucionária profissional e/ou a um partido (burocraticamente) organizado.

Esse pensamento lamentavelmente foi e é largamente majoritário em quase todos os setores da sociedade. Interessa-me especialmente aqui falar daqueles que se autointitulam de esquerda e estão vinculados a partidos políticos, mídias e/ou à universidade, destacadamente destas inúmeras personalidades que ocupam diuturnamente as redes sociais pregando um deformado marxismo eivado de textos subreptícios leninistas e bolchevistas. E aqui neste rincão de intelectuais, políticos, jornalistas, muitos deles constituídos *youtubers* com números inacreditáveis de seguidores, não há ingênuos! Recuso-me a acreditar que os haja! Recuso-me a acreditar que não conheçam minimamente como funciona a sociedade capitalista para compreender que muito da essência do modo capitalista de produção esteve longe de ser transformado com a Revolução Russa de 1917. Ao contrário, diferentemente do esboço da prática revolucionária na perspectiva da emancipação humana que nos foi legado da



Comuna de Paris, na Rússia e, posteriormente, na União Soviética, muitos dos elementos fundamentais do capitalismo foram reforçados!

Longe da ideia pré-revolucionária do proletariado no poder ou da ditadura democrática de operários e camponeses ou ainda da promessa de “todo poder aos soviets”, prevaleceu a vontade leninista de centralidade da organização governamental nas mãos de uma elite de membros do partido, mantendo autoritariamente as relações de produção, o que determinou também a manutenção das classes sociais desunindo demarcadamente a sociedade. E esta foi uma decisão consciente do bolchevismo/leninismo, optando por manter no comando do mundo do trabalho a velha burguesia, mantendo a hierarquia no interior das fábricas. Essa burguesia se submeteu (e se incorporou) ao partido bolchevique oferecendo suas “habilidades” na gestão da produção em troca de preservar seus privilégios. O trabalho associado foi mantido distante e, aos poucos, o que não surpreende diante de tudo, o taylorismo, com tudo de alienante que ele traz em seu bojo, foi sendo introduzido nas fábricas, fazendo com que uma fábrica na União Soviética fosse muito pouco diferente do que uma fábrica na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Somado a isso, o Estado, que deveria ser suprimido como elemento fundamental da sociedade capitalista que é, ou, ao menos deveria, como marxistas (que se autodenominavam), encaminhar o processo de extinção Estado; ao contrário, o Estado foi fortalecido com estatizações em massa e desenvolvimento de uma classe burocrática para servi-lo e fortalecê-lo (TRAGTENBERG, 1988).

Diante desse quadro descrito no parágrafo anterior, e comparativamente às impressões de Marx com relação ao movimento revolucionário autogestionário da Comuna de Paris - a ponto de caracterizá-la como a expressão do autogoverno dos produtores, ao que mais se aproximou até então da sociedade comunista - as diferenças radicais com o que ocorreu na Rússia a caracterizam sem sombra de dúvidas como um capitalismo de Estado. Não foi uma revolução socialista. E não acredito que não tenha sido uma revolução socialista porque as condicionantes concretas da realidade da época não permitiram. Ao contrário: foram escolhas dos próprios dirigentes que levaram à derrota no berço das transformações necessárias à conquista da liberdade, à conquista da emancipação humana. Acredito que, mesmo com as dificuldades todas que possamos considerar existentes à época, haviam plenas condições para se ter avançado rumo ao



socialismo se o poder tivesse, de fato, sido dado aos soviets e, não, a uma casta de políticos de palanque, intelectuais de gabinete, empresários burgueses e burocratas autoritários.

Por isso, repito, compreender todo o processo em que a Comuna de Paris se deu é fundamental para lançar luz à avaliação do que foi a Revolução Russa, o que é o governo atual chinês e entender outras tantas revoluções que sacudiram países nos últimos cem anos e situá-las no espectro revolucionário partindo dos mirantes e horizontes honestamente sustentados em Marx, materializados no marxismo autogestionário.

Assim, com estes óculos, podemos ver claramente que a Revolução Russa foi, na verdade, uma contrarrevolução! O marxismo proclamado pelos leninistas/bolchevistas não passou de um discurso com conteúdos estrategicamente atribuídos a Marx mediante deformações de sua obra, deformações estas operadas por Lenin e outros ideólogos que usufruíam das benesses do governo centralizado. Estas deformações eram muitas vezes grosseiras, por meio de subtrações de trechos da obra original ou interpretações descabidas tais como as que se referem à obrigatoriedade da presença de um partido dirigente, as que tratam sobre a relativização da presença do Estado, as que apregoam o desenvolvimento das forças produtivas a qualquer custo etc.

Lamentável é ver que, mesmo tudo isto estando claro como água, sob a luz vigorosa da Comuna de Paris, a opinião de que a Revolução Russa e o governo soviético, inclusive sob Stalin, foram “o que foi possível ser feito mediante as condições dadas” é predominante! Desfilam argumentos relativos à pressão do império do ocidente, ao desempenho na Segunda Guerra Mundial, aos avanços tecnológicos conquistados a partir de uma sociedade rudimentar presente em 1917, à qualidade educacional, esportiva e de saúde pública etc. Sofismas: como se estas conquistas fossem o suficiente para caracterizar como socialista uma estrutura claramente de capitalismo de Estado, ainda incrementando de “socialismo real”. Como conceber que intelectuais de monta acreditem e reproduzam esta falsificação mesmo sabendo que a ignorância das massas trabalhadoras do que é realmente socialismo, comunismo ou autogoverno dos produtores é um impedimento à realização de uma revolução verdadeiramente autogestionária organizada, promovida e gerida pelo movimento



revolucionário autogestionário-conselhistas dos trabalhadores. E, voltando ao início, me recuso a acreditar que seja uma posição ingênua ou por ignorarem a história: como não nos espantarmos ao nos depararmos com esta idolatria ao pseudomarxismo leninista tendo diante de nós a realidade que a história descortina e a Comuna de Paris que nos perspectiva.

Esta luta de convencimento é e será uma luta árdua, mas terá que ser lutada em todos os espaços em que o pseudomarxismo vigore. Que venham muitas iniciativas de divulgação da Comuna de Paris deslindando a todos e todas o seu movimento marxista autogestionário!

Referências

LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma, revisionismo e oportunismo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899/1970).

MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Boitempo, 1871/2011.

TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Atual Editora, 1988.

TRAGTENBERG, Maurício. *Reflexões sobre o socialismo*. São Paulo: Editora Moderna, 1986.

VIANA, Nildo. *Manifesto Autogestionário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.

VIANA, Nildo. *O Proletariado Ensaia a Revolução: Escritos Sobre a Comuna de Paris*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2021.

VIANA, Nildo. *Sobre a história e significado do comunismo de conselhos*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.